

Brizola apresenta suas propostas aos jornalistas estrangeiros

por Riomar Trindade
do Rio

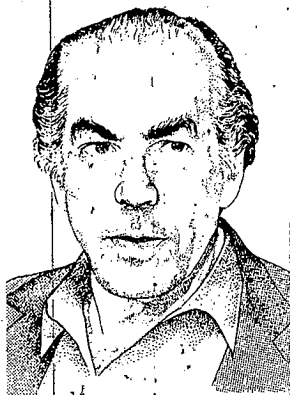
Eleito presidente da República, o engenheiro Leonel de Moura Brizola, 67 anos, pretende mudar a estrutura da economia do Brasil. Promete privatizar algumas empresas, extinguir outras; desnecessárias, reduzir o número de ministérios. Mas já antecipa uma certeza: não moverá uma palha em relação aos ministérios militares, que permanecerão intocáveis.

Promete, ainda, estatizar o Estado, que considera, hoje, a serviço das elites, dos grandes grupos econômicos. A atuação do Banco Central no mercado financeiro é um dos alvos principais.

Brizola diz também que suspenderá, temporariamente, a remessa de lucros e dividendos das companhias estrangeiras aqui sediadas, a cota de sacrifício que o capital internacional, na sua visão, deverá dar para a recuperação econômica do País.

O candidato do PDT julga imprescindível promover maior competitividade em alguns segmentos da economia. A indústria automobilística, por exemplo, ele a considera cartorial, e pretende abrir esse mercado, atraindo investimentos japoneses, coreanos, e mesmo à indústria automobilística européia ainda não representada no País.

A idéia de uma comunidade econômica da Améri-



Leonel Brizola

ca Latina, à semelhança da Comunidade Econômica Européia (CEE), tem pleno apoio de Brizola, embora vislumbre empecilhos para a sua consecução na atuação das multinacionais e mesmo de alguns governos latino-americanos, extremamente vinculados, na avaliação do ex-governador fluminense, ao capital externo.

Ainda na área de política externa, Brizola acha que com a África do Sul não restará outro que não o caminho drástico do rompimento de relações diplomáticas.

Brizola acredita também que o novo presidente da República, a ser eleito em 17 de dezembro, terá um período curto, que estima entre cem e 120 dias, para "se afirmar".

Em síntese, este foi o recado que Leonel Brizola transmitiu aos correspondentes estrangeiros seditados

no Rio de Janeiro, durante longa entrevista — das 11h50 às 14h30 — concedida ontem, no Rio Palace Hotel. Brizola, que respondeu a 24 perguntas, começou e terminou a entrevista com críticas veementes aos candidatos Fernando Collor de Mello (PRN) e Silvio Santos (PMB).

NOVA PARTIDA

Brizola disse aos correspondentes estrangeiros que, com ele no Palácio do Planalto, "a bola será colocada no meio de campo para recomeçar a partida". "É inadmissível um país sem divisas, sem poder cumprir seus compromissos, continuar sufocado pelas corporações internacionais. O capital externo terá que dar sua cota de sacrifício", disse, antes de anunciar que pretende suspender a remessa de lucros e dividendos.

Mas Brizola espera contar com a colaboração do capital estrangeiro, com novos investimentos. Acha que se deve rediscutir a indústria automobilística — "um cartório de 30 anos" —, a partir da abertura desse mercado e a garantia firme de efetiva transferência de tecnologia.

"A questão da qualidade dos carros, dos preços e da transferência de tecnologia precisa ser rediscutida. todos falam da reserva de mercado na área de informática, mas ninguém reclama da mesma reserva da indústria automobilística. Por que não expandir a

participação dos japoneses, dos coreanos e mesmo de ramos da indústria européia que ainda não estão presentes aqui?", indagou.

O tráfico de drogas, Brizola pretende combater com a colaboração, sem interferência interna, dos países ricos da América do Norte e da Europa "que deveriam fiscalizar melhor suas fronteiras"; a segurança interna, com uma política salarial que promova a redistribuição de renda e com um "choque na educação", o único choque que diz que fará, descartando um eventual choque fiscal. "Vamos dar educação e alimentação suplementar a todas as crianças", prometeu.

Também prometeu "democratizar" o sistema de comunicação, referindo-se ao que chama de "monopólio" da TV Globo. "Nem a legislação americana, bastante liberal, admitiria um sistema como o da Globo, criado na estufa da ditadura", afirmou.

Mas entre as preocupações de Brizola — ele também teme uma eventual fraude na totalização dos votos no primeiro turno — não figura a de ter que governar com expressiva minoria no Congresso Nacional.

"Conheço os políticos brasileiros. O novo presidente terá dificuldades para recolher tanta solidariedade", disse. E arrematou: "Ele só terá clima desfavorável se for ineficiente, incompetente".